

Ecos do modernismo: o Clube da Madrugada e as artes visuais

Luciane Viana Barros Páscoa

O surgimento do Clube da Madrugada em Manaus coincidiu com o desejo de renovação estética vivida por um grupo de poetas, escritores, intelectuais e artistas plásticos que estavam cansados do isolamento cultural proporcionado por dificuldades econômicas e geográficas. Segundo um de seus fundadores, o poeta Jorge Tufic, os antecedentes históricos do Clube estão nos primeiros encontros literários que aconteceram em 1949, na residência do poeta e pintor Anísio Mello. (TUFIC, 1965)

Este grupo editou um pequeno jornal chamado *O Eco* e ainda nesse período foi publicada uma revista por Anísio Mello, intitulada *Amazonas Ilustrado*, com três edições. Destas frequentes reuniões literárias e da vontade de modernização artística, o nascimento oficial do Clube da Madrugada deu-se em 22 de novembro de 1954. Dentre os integrantes, estavam Saul Benchimol, Francisco Ferreira Batista, Carlos Farias de Carvalho, José Pereira Trindade, Humberto Paiva, Teodoro Botinelly, Luiz Bacelar, Celso Melo, Fernando Colliyer e João Bosco de Araújo. (TUFIC, 1984, p.21) A autoria do nome do grupo é consensualmente atribuída ao poeta Luiz Bacellar, pois queria-se expressar a ideia de uma associação informal de homens de letras.

A intervenção na imprensa através de publicação em periódicos, a criação de uma revista literária, a amplitude e a diversidade de interesses culturais que envolviam exposições de artes plásticas, concertos, recitais de poesia, debates e conferências, além do acentuado caráter libertário, são algumas características que fazem do Clube da Madrugada um movimento artístico e literário típico do século XX. (PÁSCOA, 2011, p.88)

Neste período, a evolução aparentemente regular e tranquila no terreno das artes pareceu subitamente interrompida, refletindo uma mudança análoga da visão que o homem tinha do mundo. Transformações sociais, políticas e econômicas ocorriam paralelamente ao desenvolvimento filosófico e científico, bem como ao concomitante colapso de sistemas e valores autoritários tradicionais.

O Clube da Madrugada teve seu manifesto publicado na primeira e única edição da *Revista Madrugada I*, em novembro de 1955 como comemoração de um ano de formação do Clube. As primeiras propostas do Clube da Madrugada mostravam um

programa de luta e buscavam romper com uma certa mistificação do homem da região, pois o conteúdo deste manifesto tinha um caráter contestador.

O Clube da Madrugada foi influenciado na literatura pela Geração de 45 e imbuído de todas as aspirações políticas do pós-guerra, desempenhou um papel importante na promoção das artes plásticas. A boemia foi uma característica importante do Clube e marcou sua relação tanto com a política revolucionária quanto com a arte de vanguarda. O termo «boemia», que originalmente se referia à ociosidade ou à vida errante dos ciganos, foi adotado no século XIX por muitos artistas e intelectuais que metaforicamente se viam como «sem-teto» na cultura da sociedade capitalista. Neste sentido, a boemia indicava protesto, inclinação à vanguarda, independência ou indiferença às convenções sociais. (BLAKE; FRASCINA, 1998, p.50)

A partir dos anos 60, começou uma nova fase no Clube da Madrugada, sob a presidência do jornalista e escritor Aluísio Sampaio, que diversificou as frentes de atuação do grupo. Neste momento o Clube ganhou novos membros: os artistas plásticos Álvaro Páscoa, Getúlio Alho, José Coelho Maciel, Hahnemann Bacelar, os escritores Ernesto Pinho Filho, João Bosco Evangelista, Edison e Elson Farias, Márcio Souza, Alcides Werk, Carlos Gomes, Ernesto Penafort, além dos estudiosos de cinema Cosme Alves Neto, Ivens Lima e José Gaspar. A atuação do Clube na imprensa periódica aconteceu através da página suplementar dominical *Caderno Madrugada em O Jornal*, entre 1961 e 1972, na qual foram reunidas e divulgadas grande parte da produção literária e artística do grupo. Em 1961 foram publicados os *Estatutos do Clube da Madrugada*, mostrando a necessidade de transformação e organização interna do grupo, que mesmo assim não perdeu seu caráter libertário. (PÁSCOA, 2011, p.101)

Tal configuração era notada através da atuação coletiva, com propostas educativas e ações culturais iniciadas em pequenos núcleos, mas que depois envolviam toda a comunidade. No perfil ideológico, o Clube da Madrugada aproximou-se do comunismo anarquista, também conhecido como comunismo libertário. Nesta junção de sistemas, observa-se a negação do autoritarismo e a busca de uma estrutura social que não venha a exercer qualquer forma de coação sobre o indivíduo, somando-se à uma proposta social, política e econômica que favorecesse alguma forma de propriedade coletiva dos meios de produção. (BURGUIÉRE, 1993, p.169) No âmbito cultural, pensava-se que a arte e a educação deveria estar ao alcance de todas as pessoas. Existia claramente uma preocupação social e coletiva, que transparecia nas atitudes tomadas

pelo Clube da Madrugada, ainda que alguns dos integrantes não compartilhassem da ideologia anarco-comunista predominante.

O Clube da Madrugada buscou formas alternativas de promoção artística e cultural, que não dependessem de imposições institucionais. Desse modo, muitos eventos foram realizados ao ar livre, tais como os lançamentos de livros nas manhãs de sábado na praça da Polícia, ou mesmo as exposições de artes plásticas nas praças e até na praia, além dos festivais e das feiras de cultura. (AGUIAR, 2002, p.63) Estes projetos envolveram um grande número de participantes e conseqüentemente causaram um impacto enorme na cidade. Foram propostas incomuns que estavam ainda por ser exploradas em outras capitais, como foi o caso dos eventos ao ar livre e manifestações de Arte-na-rua, onde se buscava uma interação e participação maior do público (CLAUSEN, 2016)¹. Aconteceram eventos desta natureza no aterro da Glória (Rio de Janeiro) em 1967 com os parangolés de Hélio Oiticica, na «I Feira de Arte» organizada pela Associação de Artistas Plásticos do Rio de Janeiro e uma significativa promoção deste gênero foi o «Um Mês de Arte Pública» coordenado pelo crítico de arte Frederico Morais e promovida pelo *Diário de Notícias* no Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro em 1968. (MORAIS, 1975, p.54)

Em Manaus, a «I Feira de Artes Plásticas» foi organizada em 1963 (portanto antes dos outros exemplos nacionais citados acima), na praça da Matriz e a «III Feira de Artes Plásticas», também conhecida como o «Grande Festival de Artes Plásticas» ocorreu em 1966, na praia da Ponta Negra. As primeiras manifestações da poesia de muro promovidas pelo Clube da Madrugada datam de 1965-66 e as exposições do grupo Poema-Processo aconteceram a partir de 1968 no Rio de Janeiro.

Entretanto as origens do movimento Arte-na-rua são bem mais antigas. Este termo (*Art à la Rue*) foi usado primeiramente para referir-se a um movimento formado por um pequeno grupo de arquitetos e artistas ligados ao *movimento Art Nouveau* no período entre 1890 e 1900 em Bruxelas e Paris. O objetivo específico deste movimento era levar a arte para as classes trabalhadoras, além de estabelecer ações de reforma social, cujas raízes eram oriundas do socialismo francês, das teorias políticas do príncipe anarquista russo Piotr Kropotkine e dos ensaios tardios do pintor e crítico de arte inglês William Morris. O principal local para esta arte era a rua, logradouros e

¹ CLAUSEN, M.L. *Art à La Rue*. Disponível em: <http://www.groveart.com>. Acesso em 18 de janeiro de 2016.

endereços públicos, onde as pessoas comuns passavam a maior parte de seu tempo de lazer (CLAUSEN, 2016). É justamente aqui que o movimento francês parece encontrar-se com o Clube da Madrugada, pois os membros deste último se disseram inicialmente influenciados pelos modernistas da Semana de 22, que tinham seus olhos voltados para as vanguardas europeias.

O termo Arte-na-rua foi empregado pelo Clube da Madrugada no Brasil muito antes do movimento tropicalista e da Nova Objetividade, como é possível observar numa nota publicada no suplemento artístico e literário *Caderno Madrugada* de *O Jornal* em 1966: «Diante do êxito que assinalou a III Feira de Artes Plásticas do Amazonas, é pensamento da direção do Clube da Madrugada dar maior ênfase à política de ARTE NA RUA, caracterizada pelo empenho de levar a arte ao povo, eliminando, tanto quanto possível, as fronteiras entre a obra de arte e o grande público»².

Pode-se afirmar certamente que houve em Manaus uma ação vanguardista, cujo impacto cultural que não era visto desde o término do Ciclo da Borracha. O Clube da Madrugada realizou exposições de vários tipos: individuais de membros do Clube, exposições coletivas e as exposições individuais de artistas não-residentes convidados. Em 1º de julho de 1962, foi inaugurado o I Salão Madrugada no SESC-SENAC, expondo nele três artistas do Clube: Afrânio de Castro (desenho), Álvaro Páscoa (escultura) e Moacir Andrade (pintura).

Nos anos em que foi presidente do Clube da Madrugada, Aluísio Sampaio ofereceu um grande apoio às artes visuais. Por intermédio deste jornalista e ativista cultural, o clube transformou o *hall* do edifício onde funcionava o *Jornal do Comércio*, numa galeria de arte, onde foram realizadas muitas exposições. Cabe aqui destacar a presença do arquiteto e artista plástico argentino Horacio Elena, que expôs na Galeria Jornal do Comércio em julho de 1964, no ano em que o Clube comemorava o seu 10º aniversário. (PÁSCOA, 2011, p.125)

Os pontos considerados culminantes no âmbito das artes plásticas foram as Feiras de Artes Plásticas. A I Feira de Artes Plásticas ocorreu em 24 de dezembro de 1963, na praça da Matriz (ou da Catedral). Além dos artistas que já faziam parte do Clube, foram revelados os jovens Gualter Batista, Simão Assayag, Jair Jacquemont, Paulo D'Astuto e Getúlio Alho. Este evento foi documentado com uma filmagem feita

² CADERNO Madrugada, Manaus, *O Jornal*, 28 de agosto de 1966, ano VI, nº 25.

por Ivens Lima. A II Feira de Artes Plásticas ocorreu em 26 de dezembro de 1964, sob a gestão de Francisco Vasconcelos, que havia tomado posse no mês anterior.

A II Feira foi montada no térreo do Palácio da Cultura e os trabalhos se estenderam pela Praça da Saudade. O grande êxito foi a revelação de novos artistas e a afirmação de artistas que já haviam participado da I Feira. Hahnemann Bacelar, José Maciel, Carlos Fonseca, foram premiados na modalidade pintura, e no desenho foi premiado Jair Jacquemont e Gualter Batista recebeu uma menção honrosa. (CLUBE da Madrugada, 1965)

A III Feira de Artes Plásticas ocorreu em 21 de agosto de 1966, na praia da Ponta Negra. Em pleno verão amazonense, a III Feira expôs cerca de cem trabalhos de artistas locais, entre gravuras, pinturas, desenhos e esculturas. Como já tinha ocorrido na I Feira a III Feira foi documentada com uma filmagem em cores por uma equipe de jovens cineastas amazonenses: Felipe Lindoso, Raimundo Feitosa e Roberto Kahané. Este documentário ganhou posteriormente o título de *Plástica e Movimento*, contando com a produção entusiasta de Aluísio Sampaio, que tinha em seus planos a exibição do documentário nos cinemas da cidade. (Notas, 1966, nº 25)

Outros eventos inovadores promovidos pelo Clube da Madrugada foram a Feira de Cultura e os Festivais da Cultura. A Feira de Cultura foi realizada com o apoio do Departamento de Cultura da Secretaria da Educação, da União Brasileira de Escritores e do Grupo de Estudos Cinematográficos. Realizou-se entre os dias 19 de novembro a 6 de dezembro de 1968 na praça da Polícia, com um programa variado, teve exposição e lançamento de livros, exposição coletiva de artes plásticas, poesia de muro (com poemas-processo), festa do violão, exibição de filmes, com o lançamento de *Brasil em Tempo de Cinema*, de Jean-Claude Bernardet, *Vidas Secas* de Nelson Pereira dos Santos, recitais de poesia, apresentação de grupos musicais populares e peça teatral apresentada pelo Grupo de Teatro Universitário.

Os Festivais da Cultura foram promoções realizadas anualmente pela Fundação Cultural do Amazonas e Clube da Madrugada, onde eram atribuídos nas áreas de literatura, cinema, artes plásticas, música popular e teatro, os «Prêmios Estado do Amazonas». Havia uma comissão julgadora composta por membros do Conselho Estadual de Cultura. No II Festival da Cultura (1968), ganhou o prêmio na área das artes plásticas o artista Hahnemann Bacelar, ficando Afrânio de Castro e Moacir Andrade com menções honrosas. No IV Festival da Cultura (1970), concorreram ao prêmio na área de artes plásticas Carlos Ferreira de Lima, José Maciel, Manuel Borges, Regina

Farias, Moacir Andrade e Afrânio de Castro, dividindo o 1º Lugar os artistas Moacir Andrade e José Maciel. O Clube da Madrugada apoiou diversas atividades culturais em intercâmbio com outros grupos independentes (GEC – Grupo de Estudos Cinematográficos) e institucionais (Fundação Cultural do Amazonas, Pinacoteca do Estado do Amazonas, UBE - União Brasileira de Escritores). Dentre estas atividades, merece destaque o I Festival de Cinema Amador do Amazonas, que aconteceu em 1966, no mesmo ano do I Festival Internacional de Filmes de Curta Metragem (promovido pelo GEC – Grupo de Estudos Cinematográficos e Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro).

O I Festival de Cinema Amador do Amazonas, que contou com a chancela do Clube da Madrugada e com o patrocínio da empresa cinematográfica J. Borges e do programa *Cinemascope no Ar* (dirigido por Ivens Lima) da Rádio Rio Mar, foi a primeira oportunidade para os cineastas locais mostrarem seus trabalhos. Dentre os filmes que concorreram neste festival, o 1º Lugar foi atribuído à obra *Carniça*, de Normandy Litaiff e Aluísio Sampaio. Era um filme curta-metragem em preto e branco, com influência neo-realista. Em 2º Lugar estava *Um Pintor Amazonense*, realizado por Filipe Lindoso, Roberto Kahané e Raimundo Feitosa, sobre o cotidiano e a obra de Hahnemann Bacelar e rodado em Super 8; em 3º Lugar, o *Harmonia dos Contrastes*, em 16 mm, de Ivens Lima, Cezídio Barbosa e Luiz Saraiva. (PÁSCOA, 2011, p.140)

Foi desenvolvido um programa radiofônico do Clube da Madrugada, chamado *Dimensões*, na Rádio Rio Mar, entre 1964/65. Era dirigido por uma equipe composta por Ivens Lima, Jorge Tufic, Elson Farias, Alencar e Silva, Padre Ruas, Francisco Vasconcelos, Aluísio Sampaio, Carlos Gomes, que se revezavam, além da participação de Neide Gondim. O programa tinha um *slogan* que sintetizava a preocupação central do Clube da Madrugada, que era a difusão da arte e da cultura para o povo: «a arte só é grande e autêntica quando assume expressão social» (VASCONCELOS, 1965, p.5).

Uma outra ação de vanguarda proporcionada pelo Clube da Madrugada foi a proposta da Poesia de Muro. Marcando uma fase experimental entre alguns poetas, a Poesia de Muro foi lançada pela página artística *Caderno Madrugada* em *O Jornal*, entre 1965/66. Os ensaios teóricos sobre este movimento foram da autoria de Jorge Tufic, que chegou mesmo a elaborar um manifesto intitulado *Murifesto*. O objetivo era o mesmo das exposições de artes plásticas ao ar livre: levar a arte até o povo, e neste caso, a poesia até o povo. O processo experimental da poesia de muro envolvia um trabalho de equipe, onde participavam os poetas e os artistas plásticos. (TUFIC, 1971)

Próxima da poesia concreta, onde o poeta é um configurador de mensagens preocupado com o desenvolvimento formal dinâmico dos signos, a poesia de muro teve uma relação mais estreita com o Poema/Processo, movimento idealizado pelo poeta Wladimir Dias Pino, que já havia participado das experiências concretistas na revista *Noigrandes*. O poema/processo procurava sair do código linguístico para enfatizar o código visual. (TUFIC, 2002, p.109)

É necessário mencionar os diálogos culturais estabelecidos entre o Clube da Madrugada e outras instituições, destacando-se a relação com a Pinacoteca do Estado do Amazonas. Fundada em 1965 pelo governador Arthur Reis com o objetivo de abrigar o acervo museológico do Estado e de propagar o ensino das artes plásticas, a Pinacoteca funcionava na ala norte do segundo pavimento do prédio da Biblioteca Pública. Nesse espaço foram ministrados cursos de desenho por Manoel Borges, xilogravura e história da arte por Álvaro Páscoa e pintura por Moacir Andrade, formando-se uma geração de artistas plásticos amazonenses a partir de então. Percebe-se que uma concepção “moderna” de arte manifestou-se em Manaus após a criação do Clube da Madrugada e passou a ser difundida com a Pinacoteca do Estado do Amazonas. É possível estabelecer uma estreita relação entre o Clube e a Pinacoteca, pois Moacir Andrade e Álvaro Páscoa, professores da instituição, eram membros do Clube.

O pintor Moacir Andrade foi o diretor-fundador da Pinacoteca e permaneceu durante quatro anos. Após deixar esta direção para assumir o cargo de assistente comercial na Fundação Cultural do Amazonas, foi incumbido dessa tarefa o escultor Álvaro Páscoa. Posteriormente Afrânio de Castro também ocupou este cargo. Museu e escola dividiam o mesmo espaço, interagindo. Os alunos tinham desse modo, um contato direto com o acervo de arte plásticas do Estado, como parte deste aprendizado visual. No intervalo dos *stands* com as obras, ficavam as mesas e os cavaletes, havia também um quadro negro onde eram ministradas as aulas de história da arte. (PÁSCOA, 2011, p.154)

As atividades da Pinacoteca não se restringiam apenas ao prédio da Biblioteca Pública, pois aconteciam também ao ar livre, com aulas de desenho e pintura. Havia uma grande movimentação de alunos e visitantes na Pinacoteca, como é possível observar no registro de frequência durante o ano de 1970, que revela o fluxo de 2070 pessoas. (FARIAS, 1970, p.3). Além das aulas regulares e exposições a Pinacoteca promovia conferências sobre temas artísticos diversos.

O intercâmbio cultural entre a Pinacoteca e o Clube da Madrugada aconteceu de várias maneiras: através das exposições no Salão da Pinacoteca, ou pelo apoio mútuo oferecido durante a realização das Feiras de Artes Plásticas. A Pinacoteca adquiria obras de artistas expositores, recebia doações e desse modo, o acervo foi se tornando mais rico e abrangente.

Na época de sua fundação, já possuía obras de artistas acadêmicos de renome nacional, tais como Aurélio de Figueiredo, Antônio Parreiras, Fernandes Machado e Eliseu Visconti. Figuraram neste acervo obras de Manoel Santiago e de sua esposa Haydéa Santiago, além de quase todos os representantes artísticos do Amazonas. A pintura brasileira está representada neste acervo, através de Marianne Overbeck, Dakir Parreiras, João José Rescala, Antônio Dias, Sólton Botelho e Roberto Burle Marx. Representantes nacionais da xilogravura são Emanuel Araújo, Rossini Perez, Roberto Delamónica e Dora Basílio. Uma das mais preciosas aquisições foi uma cerâmica de Pablo Picasso, da Série da Paz (1954). (PÁSCOA, 2011, p167)

Dentre os artistas selecionados durante esta pesquisa, sobressaíram os que comprovadamente integraram o Clube da Madrugada no período de 1954 a 1972, a fase mais produtiva e efervescente do movimento.

A partir de 1945, desponta Moacir Andrade (Manaus – AM, 1927). Pintor, desenhista e professor, estudou Museologia no Museu Histórico Nacional. Em 1954 participou do círculo intelectual fundador do Clube da Madrugada. Foi responsável pela organização do Museu de Arte Folclórica e Popular do Amazonas e em 1965 foi o diretor-fundador da Pinacoteca Pública do Estado do Amazonas. Realizou diversas exposições individuais e participou de várias mostras coletivas, dentre as quais vale destacar a 1.^a Bienal Nacional de Artes Plásticas, Salvador (1966); Arte/Brasil/Hoje-50 Anos Depois, na Galeria Collectio, São Paulo (1972); Salão Aberto de Artes Plásticas da Fundação Cultural do Amazonas, em Manaus (1976). Moacir Andrade transitou entre o figurativismo expressionista, a abstração lírica, o realismo fantástico e o paisagismo naturalista.

No início dos anos 50, Moacir Andrade tomou contato com algumas obras de Pablo Picasso, e experimentou algumas composições com influências da Escola de Paris. Em *O Nu*, de 1950, o corpo feminino tem suas formas dissipadas na multiplicidade de traços superpostos, sugerindo alguns esquemas geométricos. Nos anos 60 o artista fez uma breve incursão pelo abstracionismo lírico na obra *Abstração n.º 1*,

(1962), onde experimentou livremente as cores e as texturas, possibilidades pictóricas que serão posteriormente incorporadas em algumas obras paisagísticas.

Com participação no Clube da Madrugada ainda nos anos 50, evidencia-se Óscar Ramos (Itacoatiara – AM, 1938), desenhista, pintor e diretor de arte. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 60, onde estudou pintura com Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna. Mais tarde, passou dois anos na Espanha, onde foi aluno de Manolo Mompó, ocasião em que tomou contato com o movimento construtivista através dos teóricos Ángel Crespo e Pilar Gómez-Bedate. Aproximou-se do movimento nova-figuração através do Grupo Crônica de Valença e da Nueva Figuración Argentina. Dentre outras premiações, em 1965, foi o primeiro colocado no concurso do Prêmio Homenagem a Dante, da Piccola Galeria (Rio de Janeiro), recebendo viagem à Itália. Dedicou-se também ao cinema e à publicidade, executando a atividade de diretor de arte de vários filmes e comerciais. Também tem atuado como curador de exposições no Amazonas.

Nas obras elaboradas para ilustração, observa-se movimento e uma tendência para a organização geométrica e construtivista. A pintura *O Violoncelista* (1956), pertencente ao acervo da Pinacoteca do Amazonas, é um exemplo das primeiras obras do artista. Revela uma influência cubista na concepção estrutural e o uso comedido de tons de azul e rosa. Aqui já se percebe um processo de dissolução da figura humana e uma ênfase maior nos planos pictóricos.

Nos anos 50, sobressai Anísio Mello (1927-2010). Pintor, poeta, escritor, escultor e professor. Iniciou-se seus estudos de desenho e pintura com sua mãe, a artista plástica Esther Mello. Graduiu-se em Filosofia e Línguas Neolatinas em São Paulo. Fundou e dirigiu jornais e revistas, dentre eles o jornal *O Eco* e a revista *Amazonas Ilustrado*. Publicou vários livros, incluindo poesia, folclore amazônico, crítica literária, contos e ensaios. A partir de 1985 assumiu a direção do Liceu de Artes do Amazonas Esther Mello. Após o contato com o Clube da Madrugada, sua pintura sofreu modificações aderindo ao abstracionismo lírico e na sequência inserindo experimentos de colagem de objetos às pinturas em óleo, utilizando técnica semelhante à pintura combinada (*combine painting*) de *pop art* norte-americana. Dentre suas exposições coletivas, destacam-se: Salão da França Livre em Paris, a convite da Embaixada Francesa no Brasil, premiado com medalha de ouro (1948); I Salão dos Artistas de São Paulo na Galeria Califórnia, São Paulo (1958); II e III Salão Curupira de Artes Plásticas, Manaus (1981 e 1988); Panorama da Atual Arte Amazonense na Galeria de Artes Hahnemann Bacelar, Universidade Federal do Amazonas (1992).

Procurando expressar esta necessidade interior, as cores e as formas subliminares ganham movimento na pintura *Mensageiro do Apocalipse*, pertencente ao acervo da Pinacoteca do Amazonas. Utilizando pinceladas ágeis, o artista sugere a forma do cavaleiro e enfatiza a ideia de movimento através da tonalidade lilás, azul e magenta.

Cabe destacar o talento retratístico de Manoel Borges (1944-1987), cujo estilo realista e naturalista aproxima-se mais do gênero acadêmico. Desenhista, pintor e fotógrafo, produziu intensamente nos anos 60 e 70. Trabalhou inicialmente na Foto Nascimento, com retoque e colorido de fotografias. Depois atuou como guia de museus e também foi professor no curso de desenho e pintura da Pinacoteca do Estado do Amazonas. Participou de diversas exposições locais, na Biblioteca Pública em Manaus (1979), no Teatro da Paz em Belém (1982), em mostras coletivas como a exposição Arte Contemporânea Amazonense no Museu de Artes de São Paulo (1967) e no Rio Sheraton Hotel, Rio de Janeiro (1983).

A vertente expressionista e neorrealista fez-se presente nas obras do escultor, entalhador, gravurista e professor Álvaro Reis Páscoa (1920-1997), artista português naturalizado brasileiro, radicado em Manaus desde 1958. Iniciou sua formação artística no Porto, onde tomou contato com movimento neorrealista, que marcou a terceira fase do modernismo português, e participou das atividades vanguardistas do Teatro Experimental do Porto. Além de atuar no Clube da Madrugada e contribuir para o suplemento literário *Caderno Madrugada* com xilogravuras e outras ilustrações, exerceu durante sua trajetória um importante papel na política cultural do Estado do Amazonas nos anos 70. Da sua atividade artística, pode-se dizer que participou de várias exposições promovidas em Manaus pelo Clube da Madrugada, tais como o I Salão de Artes Plásticas do Clube da Madrugada e a I e III Feira de Artes Plásticas, com esculturas, gravuras, entalhes e desenhos. Suas obras figuram em museus e entidades públicas do Brasil e no exterior. (PÁSCOA, 2012)

Como exemplo de obra gráfica, merece atenção a xilogravura *Os Recém-Casados* (1965). A xilogravura enfatiza o banho dos recém-casados, evocando o erotismo e a languidez inocente. Existem dois planos nesta obra marcada por figuras e fundo, em que os personagens escondem seus rostos e sua identidade em seus corpos. O primitivismo é abordado em seu aspecto psicológico e formal. Nesta obra, as pessoas são o reflexo de sua carga erótica e precisam deste elemento para sobreviver à brutalidade da vida. Durante sua trajetória exerceu vários cargos públicos e contribuiu

decisivamente na formação de vários artistas, dentre eles Hahnemann Bacelar, Enéas Valle, Zeca Nazaré, Van Pereira, Thyrso Muñoz, Jair Jacquemont, dentre outros que continuam ativos atualmente.

Dentre os artistas que despontaram nos anos 60, destaca-se Getúlio Alho (Manaus – AM, 1942), arquiteto, desenhista, artista gráfico, gravador e escritor. Formou-se em arquitetura na Universidade de Brasília (1967-1972), onde frequentou um curso de pintura com Rubem Valentim. Nesta época, trabalhou com desenho publicitário e artes gráficas no jornal *Correio Brasiliense* (Brasília). Participou, dentre outras, das seguintes exposições: I Feira de Artes Plásticas, Manaus (1963), II Feira de Artes Plásticas, Manaus (1964); III Salão Nacional de Arte Universitária, de Belo Horizonte (1970), I Salão de Artes Visuais de São Carlos (1980). Publicou vários contos e ilustrações na página artística *Caderno Madrugada* em *O Jornal*, de 1961 a 1965; e vários livros. Seus trabalhos iniciais foram influenciados pelas xilogravuras de Oswaldo Goeldi, pelos desenhos de Percy Lau, Poty, Caribé e Darel Valença. Na pintura, seguiu um traço expressionista e informal, cores equilibradas e formas sugeridas, como é possível observar na capa de *Chavascal*. Nos desenhos, a linearidade mostra o apuro técnico e a firmeza do traçado, além da consciência espacial.

Em 1963, Gualter Batista (1945-1993) expôs pela primeira vez suas telas na I Feira de Artes Plásticas, promovida pelo Clube da Madrugada. Gualter Batista atuou como pintor, fotógrafo, diretor de fotografia de cinema, roteirista de cinema, programador visual e arquiteto. Em 1964 também figurou na segunda edição da Feira de Artes Plásticas, recebendo uma menção honrosa pelo conjunto da obra. Em 1965, mudou-se para Brasília, onde frequentou por um ano o curso de pintura no ateliê de Glênio Bianchetti. Transferiu-se para São Paulo em 1966 e começou a atuar como fotógrafo profissional. Formou-se em arquitetura em 1974, trabalhando nesta área em seguida. Sua atuação no cinema teve início em 1961, ainda em Manaus, quando realizou a fotografia e o argumento do filme *As Letras*, em 8mm, com o irmão Djalma Limongi Batista.

Durante esta fase, o artista começou a interessar-se profissionalmente pela fotografia de cinema. Das obras cinematográficas em parceria com seu irmão, pode-se destacar *Um Clássico Dois em Casa Nenhum Jogo Fora*, e *Mito da Competição do Sul*, *Porta do Céu*, entre outros. Durante toda a década de 80, teve uma intensa produção fotográfica profissional para editoria, moda, arquitetura e teatro. Sua obra pictórica da fase inicial, no momento em que expôs através do Clube da Madrugada, mostra que o

artista possuía grande sensibilidade estética, composição bem elaborada, desenho detalhado e vigoroso colorismo. Seu óleo sobre tela *Paisagem ao pôr-do-sol*, 1964, mescla a figuração e as pinceladas expressionistas e vibrantes. O que se verifica é a excelente concepção espacial do artista, que depois utilizaria este predicado para contribuir com a arquitetura, a fotografia e o cinema.

Com um comportamento rebelde e intempestivo, Afrânio de Castro (1932-1981) participou do Clube da Madrugada a partir dos anos 60. Sua produção que transitou entre a figuração naïf ingênua e o abstracionismo lírico orgânico. Pintor, escultor e ilustrador, filho do literato Antônio Mavignier de Castro foi, autodidata, um dos diretores da Pinacoteca do Estado do Amazonas (1971-1975), membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA, membro do Clube da Madrugada e diretor da Galeria de Arte da Fundação Cultural do Amazonas. Participou da IX Bienal de São Paulo (1964); recebeu Menção Honrosa, Prêmio Estado do Amazonas por ocasião do II Festival da Cultura, Manaus (1968); figurou na exposição coletiva *Arte Contemporânea Amazonense*, no Museu de Arte de São Paulo (1967), e sua última realização foi no II 1Salão Curupira de Artes Plásticas, promovido pela Associação Amazonense de Artistas Plásticos (Manaus, 1981).

Em 1963, o poeta e pintor José Coelho Maciel (1945), de Coari, mudou-se para Manaus e algum tempo depois entrou para o Clube da Madrugada. Autodidata, frequentou a Pinacoteca do Estado do Amazonas, o Grupo de Estudos Cinematográficos e as exposições sob os auspícios do Clube da Madrugada. Participou da II e III Feira de Artes Plásticas do Amazonas, onde obteve o segundo lugar em pintura na segunda edição. O artista visual e arquiteto argentino Horacio Elena esteve em Manaus por vários meses em 1964, ocasião em que participou intensamente do Clube da Madrugada, expondo na Galeria Jornal do Comércio como parte dos eventos comemorativos do décimo aniversário do Clube.

No âmbito da fotografia e do cinema nos anos 60, destaca-se Normandy Litaiff (Coari, 1939). Iniciou seus estudos de fotografia em preto e branco com Silvino Santos e os estudos de fotojornalismo com Óscar Ramos. No Clube da Madrugada, colaborou através das exposições de fotografias e também com ilustrações de livros para vários autores. Foi o vencedor do 1.º Festival de Cinema Amador do Amazonas, com o filme de curta-metragem em preto e branco *Carniça*, em 1967, de caráter neorrealista. Com a exposição *Amazônia Erótica* percorreu vários espaços culturais de Manaus, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Fortaleza. Sua obra possui um caráter de

denúncia social e também uma preocupação ecológica, características que fizeram com que várias de suas obras tivessem uma recepção polêmica. Na série *Amazônia Erótica*, Litaiff reflete sobre a natureza, que protesta e expressa silenciosamente através de suas formas e póstica, as agressões que sofre do homem.

Outro artista ativo em Manaus desde os anos 60 é Jair Jacqmont (Manaus – AM, 1947). Iniciou seus estudos no Curso de Desenho e Pintura na Pinacoteca do Estado do Amazonas (c.1967) e depois por um período no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Participou da mostra *Como Vai Você, Geração 80?*³, ao lado de Beatriz Milhazes, Daniel Senise, Ricardo Basbaum, dentre outros. Jair Jacqmont foi influenciado pela tendência neo-expressionista dos anos 80 e compôs suas obras seguindo também a nova figuração sintética e a abstração lírica. Dentre as exposições individuais, merece destaque a realizada na Galeria Rodrigo Mello Franco de Andrade em 1983, no Rio de Janeiro. Participou de várias exposições coletivas, dentre elas devem ser evidenciadas as seguintes: II Feira de Artes Plásticas realizada pelo Clube da Madrugada em Manaus (1964), onde recebeu o prêmio de desenho; 7.º Salão de Verão, no MAM/RJ (1975); Rio de Janeiro; 4.º, 5.º e 6.º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro (1981, 1982 e 1983); 14.º e 15.º Panorama de Arte Atual Brasileira no MAM/SP, (1983 e 1984); Bienal de Valparaíso, Chile (1983). Em suas pinturas abstratas predominam o colorismo intenso e a pincelada rápida, mostrando uma visão particular da paisagem natural, da representação da vegetação amazônica.

Jovem talento premiado em 1966, Hahnemann Bacelar (1947-1971) distinguiu-se na pintura pela primeira vez na II Feira de Artes Plásticas, montada na praça da Saudade. Foi nessa ocasião que o artista ganhou o primeiro lugar do prêmio em pintura e foi eleito sócio do Clube da Madrugada, como reconhecimento de seu valor artístico. (SOUZA, 1981, p.5) Durante a década de 60, suas obras estão impregnadas de elementos expressionistas de caráter social e neorrealistas. Influenciado pelos princípios do movimento da contracultura, Bacelar envolveu-se com drogas e suicidou-se em fevereiro de 1971, tragicamente aos 23 anos. Seus interesses não eram restritos apenas à pintura, mas também se estendiam à escultura, à xilogravura e ao desenho. Sua obra está dispersa em coleções particulares, mas àquelas pertencentes ao acervo da Pinacoteca do Estado do Amazonas mostram seu cunho expressionista. Hahnemann Bacelar procurou

³ BR 80: pintura Brasil década 80. Apresentação de Ernest Robert de Carvalho Mange. Organizado pelo Instituto Cultural Itaú. Textos de Frederico Morais e Aline Figueiredo. Campo Grande: Itaugaleria, 1991.

retratar a Amazônia através de seus personagens, de um modo mais realista. Observando a obra intitulada *Miséria*, um óleo de 1968, percebe-se muitas semelhanças formais e temáticas da iconografia expressionista do início do século XX. Existe uma sobreposição de corpos em várias posições. Inicialmente observamos a preocupação social do artista com a condição da mulher, pois estas são mais recorrentes em sua obra. As fortes pinceladas e o uso de cores contrastantes mostram a sua originalidade técnica e a despreocupação com o acabamento e com a harmonia clássica de composição.

Um artista que se destaca pela intensa colaboração na ilustração no Clube da Madrugada nos anos 1970-1980 é Van Pereira (Nhamundá – AM, 1952). Desenhista, escultor, pintor e ilustrador, estudou na Pinacoteca do Estado do Amazonas, onde, em 1971, recebeu o 1.º Prêmio entre os alunos. Em 1973, ganhou o 1.º Prêmio Estado do Amazonas na categoria pintura, e em 1974, foi contemplado com o Prêmio Pré-Bienal de São Paulo. Em 1984, produziu um íntegro conjunto de ilustrações para *Filhos da várzea*, de Aníbal Beça; em 1991, realizou uma série de ilustrações para um livro da escritora japonesa Suma Jinnai, a convite da Editora Fukuinkan de Tóquio, Japão.

Van Pereira possui um excelente domínio técnico do desenho e sua obra reflete uma configuração naturalista e fantástica da Amazônia. A junção entre a técnica e o sentido espiritual foi um dos fatores responsáveis pela receptividade de sua obra no Japão. Durante a década de 70 sua obra gráfica recebeu influências estéticas da *pop art*, mas depois encontrou um caminho particular, que reunia experiências figurativas com organização geométrica, traços simbolistas e surrealistas, pois nesta fase o artista passou a elaborar muitas de suas obras a partir de seus sonhos. O sol geometrizado, o trançado vívido e outros elementos de seu repertório parecem ser traduções líricas de suas lembranças de convívio com antepassados místicos da região do Baixo Amazonas.

Conclui-se que o Clube da Madrugada floresceu num momento de dificuldades econômicas, tensão política e repressão ditatorial, mas tudo isso não impediu sua iniciativa. O espírito de novidade e abertura artística contagiou todo o ambiente intelectual com a chama de modernidade, proporcionando uma renovação cultural dinâmica que procurava uma articulação que suplantava o espaço regional. Assim, os membros do Clube, para além das obras literárias e visuais, deixaram uma contribuição efetiva: a intervenção social e intelectual na cidade.

Referências:

AGUIAR, José Vicente S. *Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60*. Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2002.

BLAKE, Nigel; Frascina, Francis. *Modernidade e Modernismo: a pintura francesa no século XIX*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

BR 80: pintura Brasil década 80. Apresentação de Ernest Robert de Carvalho Mange. Organizado pelo Instituto Cultural Itauú. Textos de Frederico Moraes e Aline Figueiredo. Campo Grande: Itaugaleria, 1991.

BURGUIÈRE, Alain. (org.) *Dicionário de Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

CADERNO Madrugada, Manaus, *O Jornal*, 28 de agosto de 1966, ano VI, nº 25.

CADERNO Madrugada. *O Jornal*: Manaus, 3 de janeiro de 1965, ano VI, nº 25.

CLAUSEN, M.L. *Art à La Rue*. Disponível em: <http://www.groveart.com>. Acesso em 18 de janeiro de 2016.

CLUBE da Madrugada. Festa do Violão. *Regulamento*. Manaus, 10 de agosto de 1965.

FARIAS, Elson. *Relatório das Atividades da Fundação Cultural do Amazonas - referente ao exercício de 1970 - Apresentado ao Conselho Estadual de Cultura*. Manaus, 1970. (Documento datilografado).

MORAIS, Frederico. *Artes Plásticas e a Crise da Hora Atual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975,

NOTAS. *O Jornal*. Manaus, 28 de Agosto de 1966, ano VI, nº 25.

PÁSCOA, Luciane. *Álvaro Páscoa: o golpe fundo*. Manaus: EDUA, 2012. Coleção Oficina das Artes.

PÁSCOA, Luciane. *Artes Plásticas no Amazonas: o Clube da Madrugada*. Manaus: Valer, 2011.

SOUZA, Márcio; PÁSCOA, Álvaro (textos). Hahnemann Bacelar. Manaus: Edições Governo do Estado/ Fundação Cultural do Amazonas, 1981.

TUFIC, Jorge. *Clube da Madrugada: 30 anos*. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

TUFIC, Jorge. *Curso de Arte Poética*. Fortaleza: Ed. Livro Técnico, 2002.

TUFIC, Jorge. *Quando e como surgiu o Clube da Madrugada*. *O Jornal*, Manaus, 25 de abril de 1965, ano V, nº I, Caderno Madrugada.

TUFIC, Jorge. Et. al. O Clube da Madrugada e a Poesia de Muro. *O Jornal*. Manaus, 4 de julho de 1971.

VASCONCELOS, Francisco. *Relatório que faz o clubista Francisco Vasconcelos, presidente do Clube da Madrugada, sobre o período administrativo de 22 de novembro de 1964 a 22 de novembro de 1965*. Manaus, 22 de novembro de 1965, p. 3. (Texto datilografado).